

Vinte e tantos verbetes para um Dicionário de Expressões

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta – como parte de um futuro Dicionário – notas e comentários a algumas gírias e expressões idiomáticas brasileiras, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: gíria brasileira. expressões idiomáticas brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents (as part of a coming book) some entries of a Dictionary (with notes and comments) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Expressões brasileiras e seu surgimento na imprensa

Publico este artigo, como mais uma amostra (são já diversos artigos nessa linha) do que será um livro, um Dicionário, para o qual agradeço antecipadamente as sugestões e críticas dos leitores.

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de preciosos periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real.

Certamente, estou ciente do fato de que a datação de surgimento de uma expressão por meio de jornais e revistas envolve um grau de imprecisão, sobretudo em se tratando de gírias (que nem sempre têm lugar na imprensa “séria” – embora contemos também com revistas satíricas, jornais de esportes, enfim, de periódicos mais “descontraídos”).

(não diz) Coisa com coisa

Expressão muito antiga e muito frequente. Aparece por primeira vez na BN em 27-06-1838, em um anúncio de “Achados” do “Diario do Rio de Janeiro”, um caso curioso. Um escravo vai a uma loja com uma cédula de grande valor e pede que a troquem por dinheiros menores, pois sua senhora lhe tinha pedido para comprar umas agulhas. O dono da loja desconfia, pega a cédula e pede que o escravo o acompanhe até a casa de sua dona:

E quando se lhe disse isto [o preto] não dizia coiza com coiza. A quem lhe faltar [a cédula] dando os signaes certos, dirija-se à rua larga de São Joaquim N.º. 172, que será entregue.

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

Aproximando-se o fim da Guerra no Pacífico, o primeiro ministro japonês Koiso Kuniaki renunciou e foi alvo do seguinte trocadilho na revista “Caretá”:



(“Caretá”, RJ, 21-04-1944)

Coisíssima nenhuma

Enfático para “nada”. Muito antiga na BN, aparece já em 1867 em “O Despertador” (SC, 16-07-1867), na queixa de um confrade enfurecido porque os sinos da Igreja da Ordem Terceira não estão dobrando pelos irmãos falecidos na epidemia de cólera:

Tres vezes nada. Coisissima nenhuma! Eis o que tem sucedido com o Campanario da Igreja da Ordem 3^a.

A expressão, já em si divertida, acabou, em anúncio informal, promovendo jocosamente o analgésico Melhoral:



(“Caretá”, RJ, 06-05-1944)

Dar em cima

Originalmente a expressão não era reservada a paqueras ou cortejamentos, mas a qualquer tipo de insistência incômoda, perseguição, especialmente por parte da polícia:

Não sabes que a policia está dando em cima delles [os agentes do jogo do bicho] e até já prendeu o Juca dos Passarinhos.
("Cidade do Rio" RJ, 15-07-1896)

O "A Noite" (RJ, 16-04-1916) noticia que a Prefeitura continua a perseguição – a pretexto de inspeção de obras – ao jornal:

Os agentes da Prefeitura, os membros da "Commissão de Sapos", mostravam que se encontravam a postos, dando em cima das nossas turmas de obras [...] Estão suspensos os trabalhos! Estão apprehendidos os petrechos! Estão detidos os directores e as turmas da Secção de Obras de A Noite!

A partir de 1907, o debochado e picante "O Rio-Nú" começa a empregar a locução no sentido de namoro ou sexual ("dando em cima das francezas do 7 e 9 zona Riachuelo (13-9-11)", "dando em cima de uma crioula (07-10-11)" etc., que prevalece até hoje.



"Revista Careta", RJ, 11-02-1956

Deu a louca

"Dar a louca" é sair do normal de maneira espalhafatosa, locução em geral usada na forma do passado: "deu a louca". Nas últimas décadas, a expressão protagoniza uma enorme desproporção entre o exageradíssimo uso em títulos de filmes ("Deu a louca no Chapeuzinho" / Cinderela / Branca de Neve etc. etc.) e estar praticamente ausente na linguagem comum em geral.

Surge na BN em meados da década de 40, e sua primeira aparição foi em matéria do "Correio Paulistano" de 27 de agosto de 1944. Pouco depois da invasão da Normandia e divisando-se o fim da guerra (e o fantasma do desabastecimento), os comerciantes não podiam mais vender seus estoques a preços abusivos e muitas lojas começaram a promover liquidações e as anunciavam com cartazes com dizeres como:

“Liquidação total tudo abaixo do custo”. Há alguns deles célebres mesmo: “Sapatos a preço de banana”, “Entra não demora”, “Deu a louca na macacada”.

Esperar sentado – Tirar o cavalo da chuva – Dia de São Nunca etc.

“(Pode) esperar sentado” e “(pode) tirar o cavalo da chuva” são expressões muito comuns e antigas na BN, com o sentido óbvio de alertar contra falsas expectativas de que algo se resolverá rapidamente. “O que quer dizer que já a podia esperar sentado” ocorre já em 23-09-1871 (“O Liberal”, PA). Algumas vezes, dado o gosto nacional pelo diminutivo, encontramos “Pode esperar sentadinho”.

“Tire o cavallo da chuva” aparece já em 20-12-1859 (em “A Marmota”) e na forma diminutiva – também muito frequente – surge na BN em 1874:

Por ahi já me mandaram tirar meu cavallinho da chuva...
 (“Mephistopheles” Anno 2, No. 53)

Numa época em que o calendário era muito mais associado a celebrações religiosas, São Nunca ganhou “um dia” e a expressão era muito popular. Assim, “A Reforma” de 13 de maio de 1869, falando das promessas de linha telegráfica, prevê que:

“Só no dia de São Nunca poderá chegar às cidades de S. Salvador e do Recife”

São Nunca recebe uma ajuda em 1874 quando se publica no Brasil, em tradução de Salvador de Mendonça, “O dia de São Nunca”, romance do escritor francês Albéric Second (“*La Semaine des quatre jeudis*”).

Há, naturalmente, outras expressões para impossíveis, como “a galinha (/gallo) criar dente” (originalmente: “quando as galinhas tiverem dentes”, p. ex. em “Diario do Rio de Janeiro”, 18-01-1842) ou “a cobra fumar”, esta só popularizada depois que virou símbolo da FEB (provocação em resposta aos pessimistas que diziam na época: “*é mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na Guerra*”).



Já “nem que a vaca tussa” só surge na BN há exatos 50 anos: 1972 (“A Tribuna”, SP, 21-01-1972).

Espírito da coisa

Embora tenha tido seu auge entre os anos 2000 a 2010 (cf. Acervo do Estadão), a expressão, que virá a ser muito utilizada, surge na BN em 1921, quando . discutindo detalhes da polêmica dificuldade de identificação de potros nas corridas de cavalos, o articulista de “O Imparcial” (RJ, 17-05-1921), afirma:

O espírito da coisa é estabelecer um elemento de individuação, de identificação do animal registado, que auxilie às pesquisas tornadas eventualmente necessárias no futuro para verificação da autenticidade do mesmo.

O cronista Pipoca de “A Noite” (RJ, 16-02-1941) atribui a difusão da locução ao famoso jornalista João Ferreira Gomes, o Efgê.

Datações à parte, o sucesso da expressão tem muito que ver com certas particularidades da comunicação brasileira, nossas idiossincrasias, jeitos e manhas. Em muitos casos, não se trata só de uma situação objetiva (*Sachverhalt*), mas para além da “coisa” é preciso captar algo mais, implícito, o “espírito da coisa”. Ao contrário de tantos estrangeiros, para o brasileiro é muito difícil dizer não (e magoar o interlocutor) e, assim, ante um convite descabido e importuno (p. ex. o de uma conhecida que quer que compareçamos à cerimônia de formatura de sua sobrinha no Fundamental II), o que se diz é “Com certeza!”, embora o convidado já saiba de antemão que não irá nem que a vaca tussa. Resta saber se a tia captou o espírito da coisa...

Quando o agente de trânsito que flagrou o motorista na contramão e, em vez de aplicar logo a multa, fica insistindo em que terá que o fazer, o espírito da coisa é informar sutilmente o infrator de que talvez haja um jeito de substituir essa sanção por um “acordo”.

Um estrangeiro – espanhol, japonês ou inglês, digamos – não entende o espírito da coisa quando leva a sério o “convite” que o amigo brasileiro lhe fez: “Aparece lá em casa para almoçar qualquer dia desses”; o que, na verdade, não é convite nenhum, mas simpática formalidade vazia. Etc.

Em todos esses casos, espera-se que a outra parte capte “o espírito da coisa” e, para tanto, existe seu contraponto, um remédio nacional utilíssimo nesses casos: uma boa dose de *Simancol*... (neologismo possivelmente da lavra de Stanislaw Ponte Preta e que, em 1963, veio para ficar na BN).

Ficar por isso mesmo – Não vai dar em nada

A primeira expressão aparece na BN na “Gazeta de Notícias” de 25-12-1899, com o repórter indignado com a falta de policiamento: porque não há um só dia em que não se registre “um roubo” (!) no Rio de Janeiro! E ao informar do roubo do dia, ajunta que a vítima:

Deu queixa na 4^a. delegacia urbana e agora é ficar por isso mesmo.

Já a segunda locução surge na BN em um momento histórico, o da redação da Declaração dos Direitos Humanos da ONU (o delegado brasileiro havia proposto a menção a Deus no artigo primeiro), em comentário do inconfundível Rubem Braga:

Estou ficando com a impressão meio triste que êsse negócio da ONU não vai dar em nada. As várias delegações estão muito mal

informadas. Eu acharia mais prudente fazer assim o artigo primeiro: “Criados à imagem e semelhança de Deus e do Diabo, os seres humanos nascem livres ou escravos, e sempre desiguais em direito e dignidade. Alguns estão dotados pela Natureza de razão e consciência, muitos de espírito de porco e de inconsciência, e todos de baixos instintos, de tal modo que devem agir reciprocamente com a maior cautela e desconfiança.
 (“Diário de Notícias”, RJ, 13-10-1948)

Formidável e fantástico - alterações semânticas ao longo do tempo

Ao longo do tempo, podem ocorrer alterações semânticas e uma palavra adquirir sentido (ou especificação) diferente, por vezes até contrário ao original. Durante muito tempo “formidável” era simplesmente aquilo que impõe medo; “fantástico”, aquilo que só existia na imaginação (ou mesmo falso).

Formidável. Do latim *formidabilis*, terrível, passou a significar, em algumas línguas, como o francês e o português, ótimo, excelente. Daí a brincadeira de Charles Aznavour na genial canção (1962) “*For me... formidable*”, na qual um apaixonado francês, atrapalhadamente, se declara em *franglais* à amada de língua inglesa, dizendo que ela é “*formidable*”. O sucesso do disco chamou a atenção dos americanos para o falso cognato, em inglês significando apenas temível. A mudança semântica é compreensível: afinal, um time ou um exército que inspiram pavor, são excelentes.

Originalmente, na BN só aparece em sentido original: “[o homem] para com seus semelhantes he uma besta feroz de formidavel encontro” (“Imperio do Brasil” RJ, 03-01-1825); “[da anarquia nasceu] o formidavel despotismo popular” (“Imperio do Brasil” *ibidem*); “hum poder arbitrario tanto mais formidavel (...) que recebeo a sancção de uma lei” (“Astrea” RJ, 31-08-1826)

Ainda em 01-01-1920, O Jornal do Brasil, a propósito da exagerada política paulista de apoio aduaneiro à indústria local, conclui: “Ao impor ao similar estrangeiro a tarifa, impõe um formidavel ônus...”

Na década de 30, os sentidos novo e velho coexistem: “Não se realizou o jogo internacional. A chuva formidavel que hontem caiu sobre a nossa capital impediu a realização da anunciada partida” (“Jornal dos Sports” RJ 20-03-1931). E em 01-01-1930, o Jornal do Brasil usa o vocábulo só no sentido novo: falando de “um jogo sensacional” entre paulistas e cariocas pelo campeonato brasileiro de futebol, insiste: “foi um jogo formidavel, no qual ambos os teams demonstraram suas qualidades”.

Fantástico Processo muito semelhante deu-se com “fantástico”. Originalmente, era usado para fantasioso (para o bem ou para o mal), o extravagante o irreal: de um assassinato cruel, diz o Jornal do Commercio (16-06-1860): “fantastico crime”. Ainda em 1930, noticiando um plano de rede subterrânea em Londres, para desafogar o trânsito, “O Radical” (RJ, 08-11-1832) comenta: “o projecto à primeira vista parece altamente phantastico”. Só muito depois, “fantástico” especializa-se significando “ótimo”, como em 1941, em um anúncio da revista “O Cruzeiro” (15-11-1941), que apregoa: “Leite de Rosas é phantastico na eliminação das espinhas, sardas...”

Mamata

Embora o Houaiss indique a datação de “mamata” no século XX, a palavra (e a realidade por detrás dela...) aparece, em diversas vezes, já na década de 1830, como se vê nos exemplos:

(...) mas o teriam feito por patriotismo puro sem desejo algum de preterir as notabilidades fluminenses na mamata pecuniaria.
 (“O Chronista” RJ, 03-01-1839)

O nosso Manoel Ferreira perdeu, com o fim do anno, a mamata do *Correio Official*, hoje entregue a um Cidadão de boa moral (...).
 (“O Sete d’Abril” RJ, 03-01-1835)

Mancada

Falha, erro, lapso, ausência, descumprimento de um compromisso, gafe (cf. *manquer* em francês; *mancare* em italiano, com particípio feminino *mancata*), aparece na BN originalmente no sentido de “ladroagem surpreendida, interrompida ou malfeita” (obsoleto e linguagem de delinquentes, segundo o Houaiss). De fato, as primeiras aparições na BN estão em títulos de notícias de ocorrências policiais de assaltos malogrados.

Mancada

Dois emeritos ladrões e dos mais terríveis, introduziram-se ás 9 horas da noite de hontem, na casa de caldo de canna da rua do Hospicio n.14, que a essa hora já estava fechada [...] foram presos em flagrante pelo rondante geral, inspector e guarda da guarda nocturna da Candelaria, que já estavam de sobre-aviso, por terem desconfiado de tais ladrões, que estavam há muito naquelas immediações planejando assalto.
 (“Gazeta de Noticias” RJ, 23-03-1903)

O “Cara queimada” deu uma “mancada”

Penetrou na casa da rua General Camara n. 323 o nacional Braz Leal de Araujo, vulgo *Cara queimada* [...] logo após o roubo foi detido na rua querendo vender...] aquillo tudo a um intrujão qualquer, foi preso e mettido no xadrez.
 (“A Rua” RJ, 16-07-1915)

Não perde por esperar

Expressão antiga (aparece na BN nos anos 1860) que significava – então, e ainda hoje – simplesmente a necessidade de se ter paciência, aguardando o tempo adequado, ou ainda um prenúncio (ou ameaça) de que certos atos não ficarão impunes...

Em folhetins do “Diario de Peranmbuco”, encontramos as duas formas. A primeira: “Mary ainda é muito jovem e não perde por esperar” (09-05-1862). E a segunda, no sentido de ameaça de revanche, um personagem do folhetim é

desmascarado vergonhosamente numa tentativa de golpe, mas não se dá por vencido: “Está bom, fica para outra vez. Não perde por esperar.” (18-08-1860).

Olho gordo

Aparece na BN em 1906 no sentido de cobiça: “Nova fonte de renda, pois muito agradável ao *olho gordo* do fisco” (“O Malho”, RJ, 23-06-1906). E no ano seguinte, no mesmo periódico (12-01-1907), como mandinga de inveja: “Com certeza foi mau olhado, olho gordo ou qualquer mandinga que lhe fizeram...”.

Pão que o diabo amassou

Rogamos que o pão nosso nos seja dado pelo Pai nosso. Isso porque há também o pão que, depois da queda de Adão e Eva, é arduamente obtido (“No suor de teu rosto comerás o teu pão” – Gn 3, 19) e há ainda, na voz do povo, o pão que o diabo amassou, expressão que se refere a sofrer as piores agruras e padecimentos da vida...

A expressão, usada até hoje, é muito antiga: aparece na BN já na década de 1840. O “Jornal do Commercio” (RJ, 24-02-1848), reproduz uma carta de Lisboa, na qual o missivista exorta a defender a Rainha e adverte os que:

teimarem em pôr a geringonça revolucionaria na rua (...) não lhes vejo outro recurso senão entrouxar e ir para o estrangeiro comer o pão que o diabo amassou.

Na época, é frequente também que o diabo – além do pão, sua especialidade – amasse (no sentido de juntar, produzir) outras coisas: “cartas [infelizes] de baralho” (“Periodico dos Pobres”, 1853), “determinados negocios” (“O Século”, 1850) etc.

(pôr os) Pingos nos is

Com o mesmo sentido que tem hoje (deixar as coisas claras, esclarecer uma situação dúbia), aparece na BN em 1861:

(...) voltarei à questão, porei pingos nos is – e declinarei nomes e pronomes (...).
 (“O Regenerador” RJ, 08-05-1861).

Samba (“vai dar samba”)

A expressão “vai dar samba” desde o fim da década de 70 significa que algo vai engrenar e dar certo, vai ser bom, divertido, legal. Assim, o atacante Robertinho do Fluminense ponderava: “Acho uma boa essa do [técnico] Zagalo me jogar pela esquerda. Acho que vai dar samba” (“Jornal dos Sports”, RJ, 11-5-1980).

A expressão parece ter sido mais uma das tantas forjadas por Stanislaw Ponte Preta, originalmente significando – como esclarece o próprio criador em 1963 – dar o que falar, causar confusão:

Bem que eu dizia, irmãos, que o atual govêrno da Guanabara, adquirindo por desapropriação os terrenos onde está instalada a favela da Mangueira, estava provocando, isto é, ia dar samba. (“Última Hora” RJ, 23-08-1963).

Além dos usos ligados ao sentido literal, dar problemas foi o sentido predominante inicialmente. Por exemplo, comentando as diversas dificuldades que surgiriam com a nova cédula de 5000 cruzeiros, “O Jornal” (RJ, 24-03-1963) sentenciou: “Não tenham dúvida, a nova nota vai dar samba. E sobretudo incentivará a indústria da falsificação”.

Se a moda pega

Expressão surpreendentemente antiquíssima. Em debate na imprensa (“Diário de Pernambuco”, 23-03-1837), um missivista afirma que “as vezes a moda pega” e vai responder a seu debatedor, do mesmo modo que este o faz: começando por perguntas.

Falando das absurdas mordomias de um ministro às custas do erário público – cocheira, escaler, remadores, casa etc. – o articulista de “O Brasil” (RJ, 06-07-1844), conclui: “Se a moda pega [os outros ministros vão querer também] um palacio alem do ordenado”.

Senso comum

Sem entrarmos no emaranhado de discussões filosóficas, desde a Antiguidade aos dias de hoje, sobre o “senso comum”, baste-nos aqui o registro da mudança de polaridade dessa expressão – em nossa língua – para um sentido negativo em nosso tempo. Já no inglês e no espanhol, o senso comum continua prestigiado (“*common sense*” / “*sentido común*”), no sentido de “bom senso”, como no Dicionário Cambridge:

The basic level of practical knowledge and judgment that we all need to help us live in a reasonable and safe way:

Windsurfing is perfectly safe as long as you have/use some common sense.

[Mais exemplos]

Anyone with any common sense would have known what to do.

Common sense and creativity are the essential qualities we need in an employee.

I am sure that common sense will prevail in the end.

(<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/common-sense>)

E no *Diccionario de la Real Academia*:

sentido común - Conforme al buen juicio natural de las personas.

(<https://www.rae.es/drae2001/sentido>)

Este mesmo sentido positivo vigorava entre nós para “senso comum” até há poucas décadas. Por exemplo, em 20-04-1998, Gaudêncio Torquato publicou no Estadão “A farsa e o senso comum”, dizendo: “cultiva-se o ilusionismo, foge-se do senso comum”, “como se explica tanta falta de sensibilidade, tanta distância do senso comum? A frieza dos palácios de Brasília” Etc.

Hoje, predomina um sentido negativo para a expressão “senso comum”: conhecimento superficial, ingênuo, acrítico e até preconceituoso. Como quando Zélia Amador de Deus, primeira reitora negra do Brasil, expressa em entrevista ao Estadão (10-01-2022):

O senso comum é de que aqui [Brasil] é uma espécie de paraíso racial, uma democracia racial, e que o racismo não faz parte de nosso meio.

Ou no site Brasil Escola:

As ideias comuns de que mulheres são frágeis, que asiáticos são mais inteligentes, que muçulmanos são terroristas ou que índios são indolentes, também são exemplos de conhecimento de senso comum, mas não têm qualquer indício de validade e são afirmações preconceituosas.

(<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/senso-comum.htm>)

Tanto faz (... como tanto fez)

O uso atípico do verbo fazer sem complementos na locução “tanto faz”, confere-lhe um sentido amplo, voltado para o resultado – qualquer que ele seja – desse “fazer”, como quando se diz: Partido A ou Partido B, tanto faz: a corrupção vai continuar ou, em um restaurante por quilo, tanto faz encher um prato com 400 gramas ou dois com 200 gramas etc. Na mesma linha do equivalente em espanhol “*da igual, resulta igual*” ou “*qué más da*” – o verbo dar comparece, também em sentido amplo, em nosso “tanto dá”, igualmente voltado para um resultado qualquer... Adélia Prado (1991, p. 149), em “Dois Vocativos”, aproxima “dar” a “ser”:

Dois Vocativos

A maravilha dá de três cores:
branca, lilás e amarela,
seu outro nome é bonina.
Eu sou de três jeitos:
alegre, triste e mofina,
mas meu outro nome eu não sei.
Ó mistério profundo!
Ó amor!

“Tanto faz” é tão antiga na BN quanto a imprensa brasileira. O Correio Brasiliense vol. VIII de 1812, comenta a “charlataneria” de pretensa tolerância religiosa de um novo acordo que quer conceder aos ingleses no Brasil celebrarem seus cultos também em capelas privadas, “desde que tenham a aparência externa de casas de habitação”. Ora, poder praticar sua religião em suas casas, já lhes era assegurado, desde um tratado de 1854, daí que:

Não há maior liberalidade na concessão; porque tanto faz dizer que o culto seja praticado em casas particulares, como em capelas que sejam construídas como casas particulares.

Também a forma enfática “tanto faz como tanto fez” é antiga: em discussão no Parlamento sobre a liberdade de testar, um dos senadores, referindo-se a filhos que possam vir a ficar em situação de penúria, diz:

Tanto faz como tanto fez, elles terão sempre de pedir emprego a mim e a V. Exa... (“Correio da Manhã”, RJ, 20-08-1915).

Vacinado (“maior de idade e vacinado”)

Ser “maior e vacinado” passou a ser uma expressão informal que afirma que o sujeito é “livre, autônomo, independente para agir” (Houaiss). Vem na esteira da lei de 1904 que pretendia impor a vacinação obrigatória (e a consequente sangrenta rebelião, conhecida como “Revolta da Vacina”): só quem comprovasse ter recebido a vacina conseguiria contratos de trabalho, matrículas em escolas, certidões de casamento, autorização para viagens etc. De qualquer modo, a expressão entrou ludicamente para o falar popular como afirmação de autonomia e independência.

Em 1928, apresenta-se na redação, um homem que afirma, neste caso, a sério, poder esclarecer um crime de assassinato para o jornal e dá suas credenciais:

Sou cidadão brasileiro, por força das leis, maior, vacinado, eleitor... (“A Gazeta” SP, 14-04-1928)

Um típico uso da expressão vem em um artigo de “O Radical” (RJ, 14-02-43), comentando a curiosa e arraigadíssima preferência do carioca por viajar como “pingente” nos bondes, preferindo o estribo mesmo havendo assentos livres. Se o condutor lhe indica um lugar livre:

O passageiro alega que vai “saltar já” ou que prefere ir em pé porque é mais fresco ou, então, que é de maior idade, vacinado, pagou os 20 centavos e pode viajar como bem entender.

Nesse sentido, a expressão “sou vacinado”, mais de cem anos após a “Revolta da Vacina”, protagonizou um episódio televisivo na polêmica que revive hoje, em tempos de Coronavírus, situação parecida com as dos tempos de Oswaldo Cruz. No dia 10 de março de 2022, no programa “Faustão na Band”, Marcelo Nova, vocalista da banda “Camisa de Vênus”, alterou a letra do refrão de “Cowboy fora da lei”, famosa canção de Raul Seixas, suprimindo precisamente o “sou vacinado”. O original é:

Eu não sou besta pra tirar onda de herói
Sou vacinado, eu sou cowboy
Cowboy fora da lei
Durango Kid só existe no gibi
E quem quiser que fique aqui
Entrar para história é com vocês...

Por sua posição contra a obrigatoriedade da vacina, Marcelo Nova substituiu “sou vacinado” por variações improvisadas: “sim, eu sou cowboy” e “você sabe que eu sou cowboy”.



A produção do programa, sem saber da provocação, lançou a legenda original: “Sou vacinado”

Faustão preferiu ignorar o episódio e não quis comentar a posição ideológica na supressão de “sou vacinado”. A propósito, o jornalista Maurício Stycer, comenta:

Não é o primeiro posicionamento polêmico do cantor envolvendo a covid-19. Em julho de 2021, Marcelo Nova criticou o isolamento social e as medidas sanitárias vigentes, em um telejornal da TV Bahia, afiliada da Globo em Salvador.

“Para um sujeito como eu, prestes a fazer 70 anos de idade e 40 de carreira, isso não serve. Eu fiz minhas regras, eu faço meu caminho, eu não deixo que governadores nem prefeitos, nem presidentes, ninguém manda em Marcelão”, disse o cantor na época.

Segundo o relato também publicado pelo jornal baiano Correio, o cantor também afirmou que não seguia a recomendação de permanecer em casa e culpou o governo por não poder voltar a se apresentar. “E eu vou morrer. Caso não morra de covid, vou morrer de câncer, atropelado, assassinado, de zika, chikungunya, essas coisas”, concluiu.

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/03/11/marcelo-nova-muda-musica-de-raul-seixas-e-nao-diz-sou-vacinado-no-faustao.htm?cmpid=copiaecola>

(ou) Vai ou racha

Locução muito antiga e frequente na imprensa, convida a sair da indecisão, levar algo até o fim, custe o que custar. A expressão surge na BN em 1884: “A Folha da Victoria” (ES), considerando que não há na cidade uma “sociedade de dança”, intima o presidente da Sociedade Sympathia que reative a agremiação, ignore os críticos que emperram o processo e:

Diga aos sympathicos que
Ou vae ou racha (28-09-1884)

Vira e mexe. Volta e meia

Em torno de 1940 passou a ter o significado atual: a repetição de um acontecimento, de tempos em tempos, “vira e mexe, ele bate ou arranha o carro”. Assim, em 1943, um cronista esportivo critica um colega, que em sua coluna:

vira e mexe [fica] falando em cigarro, no cigarro marca tal... [Deveria mudar o nome de sua crônica] de “Uma pedrinha na shooteira” para “Cigarrinho na shooteira” (“Jornal dos Sports” RJ, 12-01-1943)

Até então – e desde o fim do século XIX – a expressão (ou na forma “vira, mexe”) significava indeterminadamente: fazer isto e aquilo, agir de um jeito e de outro... Em notícia policial, a “Folha do Norte” relata que um português, dono de taverna, ficou furioso quando um empregado interrompeu seu almoço para cobrar salários atrasados:

O patrão [abalado, deixa seu almoço] vai ao estabelecimento vira e mexe por lá e volta depois [dá uma sonora bofetada no empregado e lhe diz]: “– Está pago”
 (“Folha do Norte” PA, 22-11-1896)

A Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro demora em encontrar sede para funcionar e é ridicularizada nos versos:

A Mesa [diretora] em doida carreira
Para tal não perde vasa,
Mas corre a cidade inteira
Vira e mexe... e não tem casa
 (“Gazeta de Petrópolis” 02-09-1899)

“Vira e mexe” admite também formas em outras conjugações:

A Sra. Delorme, em dada situação, ia, vinha, mexia e virava, virava e mexia, e aparecia...
 (“O Malho”, RJ, 12-12-1903)

A expressão “volta e meia”, sinônima de “vira e mexe” (no sentido que tem hoje), também é bem antiga. Encontramo-la, por exemplo, em 1850. Falando de um lance infeliz na encenação de uma peça de teatro, no qual uma personagem põe um lenço na boca, “A União” diz:

O panno da bocca está terrível; volta e meia está se engasgando, e agora verás: tira toda a illusão dos quadros finaes, ou então cahe [...]
 (“A União” PE, 10-08-1850).

Vergonha alheia

Ao contrário da língua espanhola, que dispõe da secular e muito usada expressão “*rubor ajeno*”, nossa “vergonha alheia” – sensação de vergonha diante de situação embaraçosa protagonizada por outra pessoa, que nem repara no vexame que está dando – é muito recente: a primeira ocorrência que encontrei na imprensa brasileira é de 30-03-2006, quando a jornalista Etienne Jacintho escreveu no Estadão,

a propósito de certas performances na “primeira peneira” dos aspirantes do programa *American Idol*:

Algumas pessoas não têm noção do ridículo e chegam a constranger o público, que fica com aquela certa vergonha alheia.

Referências

Prado, Adélia **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

Recebido para publicação em 11-03-22; aceito em 24-03-22